

A grayscale photograph of a hand holding a pencil, writing on a piece of paper with a grid pattern. The pencil is positioned at the top right, and the tip is touching the grid lines. The background is a light gray with a large white curved shape on the right side.

Ludicidade e Psicomotricidade

Autores

Daniel Vieira da Silva
Max Gunther Haetinger

S586 Silva, Daniel Vieira da. / Ludicidade e Psicomotricidade. /
Daniel Vieira da Silva. — Curitiba : IESDE Brasil
S.A. , 2009.
132 p.

ISBN: 978-85-7638-746-6

1. Educação de crianças. 2. Capacidade motora. 3. Lazer e educação.
I. Título.

CDD 372.21

Capa: IESDE Brasil S.A.
Imagem da capa: IESDE Brasil S.A.



Ad Maiora Semper!

Todos os direitos reservados.

IESDE Brasil S.A.

Al. Dr. Carlos de Carvalho, 1.482 • Batel

80730-200 • Curitiba • PR

www.iesde.com.br

Sumário

Psicomotricidade: considerações preliminares	7
Psicomotricidade: uma categoria em discussão.....	9
Estimulação, educação, reeducação e terapia psicomotora	10
O corpo hábil.....	13
Corpo hábil – síntese esquemática.....	17
O corpo hábil I	21
Corpo consciente – síntese esquemática.....	25
O corpo consciente.....	31
Corpo significativo – síntese esquemática 1	34
Corpo significativo – síntese esquemática 2	37
Corpo significativo – síntese esquemática 3	41
Corpo significativo	45
Psicomotricidade relacional.....	45
Contribuições da Psicomotricidade relacional para o ambiente educacional.....	46
Considerações finais	47
Psicomotricidade	49
Psicomotricidade e Educação Inclusiva.....	49
O jogo livre – uma ferramenta para o educador inclusivo.....	52
A atividade lúdica espontânea	53
O educador joga e deixa jogar	54
O conteúdo do jogo invade a sala de aula.....	55
Considerações finais	56
Categorias de análise.....	57
Do corpo total ao corpo parcial: a disciplina é a norma	59
O corpo consciente I	61
Espaço vital e espaço relacional	62
Formação e intervenção.....	63
Psicomotricidade: um estudo preliminar de suas categorias.....	65
Dados sobre a organização psicomotora: abordagem da regulação sensório-motora e dos fatores psicotrônicos.....	67
O corpo e o movimento na Educação Infantil	73
As dimensões da aprendizagem.....	79

As relações entre a inteligência e o desenvolvimento motor	83
As múltiplas inteligências e o movimento	83
Visão construtivista do desenvolvimento motor	89
A dança e a Música da Educação Infantil	93
A dança na escola	93
A música no universo infantil	96
Retomando a dança na escola	99
A expressão dramática na Educação Infantil	103
A imaginação e a expressão dramática infantil	103
O que é a expressão dramática escolar?	104
Técnicas de expressão dramática.....	110
Criatividade e sua importância para a Educação	115
A criatividade e o brincar.....	115
Criatividade: a revolução na sala de aula	119
Referências.....	127

Apresentação

O trabalho que ora apresentamos foi elaborado com o intuito de servir como apoio didático para as videoaulas. Cientes de que tal disciplina não tem o caráter de formar psicomotricistas, mas de subsidiar os estudos e a prática da Pedagogia, a partir dos conhecimentos produzidos no campo da Psicomotricidade, colocamos como meta para este estudo os seguintes objetivos:

- conhecer os princípios teóricos e práticos que orientam as várias linhas de abordagem psicomotora;
- apreender os processos históricos que fundamentam os marcos teóricos dessas diversas linhas.
- analisar a inserção da Psicomotricidade e suas diferentes perspectivas no campo educacional e psicopedagógico;
- conhecer a relação entre: o movimento e a criança; o desenvolvimento motor e as múltiplas inteligências;
- reconhecer a dança, a expressão dramática e a criatividade como possibilidades a serem desenvolvidas no sujeito psicomotor.

Para efetivarmos essas tarefas, dividimos o material em unidades temáticas, a partir das quais orientamos a análise sobre os fundamentos da Psicomotricidade e suas implicações nos processos formativos.

Iniciamos o estudo, deixando explícito o referencial teórico pelo qual abordaremos nosso objeto, bem como aprofundamos a discussão sobre a centralidade do trabalho no processo de desenvolvimento da motricidade humana.

Discutimos o conceito de Psicomotricidade, bem como introduzimos os diversos campos de atuação psicomotora, os quais serão aprofundados nos capítulos subseqüentes – *Corpo hábil, Corpo consciente* propostos por Jean Le Camus, em sua obra *O Corpo em Discussão*.

Em algumas aulas é apresentado um *texto base*, que se segue imediatamente à abertura da aula – no qual o aluno encontrará um panorama geral do período em questão. Além dos conteúdos teóricos, elaboramos um resumo esquemático para complementar as informações relativas a cada um dos conteúdos propostos, tarefa esta que sugerimos ser efetivada em duas etapas: 1) individualmente, durante a aula; 2) em grupo de discussão, posteriormente à explanação do professor.

Na seqüência, apresentamos: o movimento e a criança; um estudo sobre a relação entre desenvolvimento motor e as múltiplas inteligências; a dança na Educação Infantil e Educação e criatividade.

Esperamos que este material, considerando as limitações inerentes a qualquer produção acadêmica, uma vez partindo de uma perspectiva histórica e crítica do corpo, das técnicas e métodos que dele vêm se ocupando ao longo dos tempos, possa ampliar o entendimento da Psicomotricidade como prática educativa e, portanto, como prática social, bem como, adicionar reflexões aos estudos e à futura prática no campo da Psicopedagogia.

Bom trabalho!

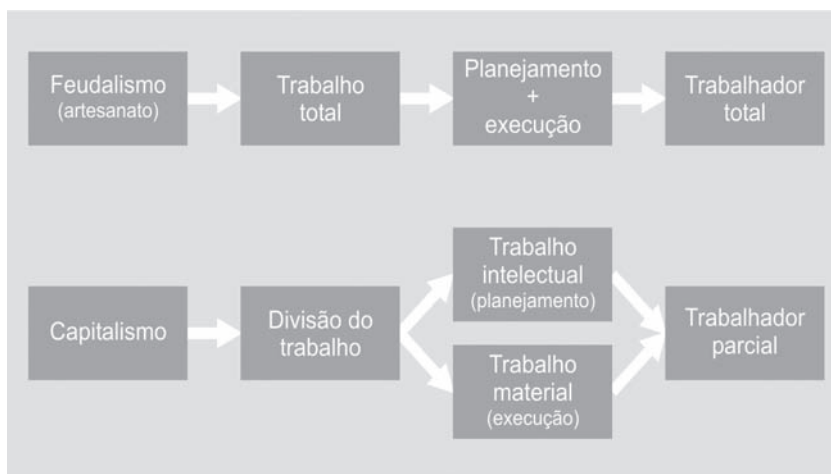
Psicomotricidade: considerações preliminares

Daniel Vieira da Silva*
Max Gunther Haetinger**

A passagem do modo de produção feudal para o capitalista implicou profundas modificações, acompanhadas de transformações nas formas de organização social, que envolveram diferentes dimensões – cultural, política, educacional e econômica. A prática do artesão, trabalhador do período feudal, era caracterizada como própria de um trabalhador total, o qual

[...] dispunha do domínio teórico-prático do processo de trabalho como um todo. Isto é, dominava um projeto teórico, intencional, necessário à realização de um certo produto, e, para produzi-lo, contava com formação anterior que lhe assegurava destreza especial, a força necessária e habilidades específicas para operar certos instrumentos sobre a matéria-prima adequada, ao longo de todas as etapas do processo de trabalho (ALVES, 1998, p. 37).

A transformação da produção artesanal em manufatureira e, posteriormente, em industrial, com vistas à obtenção de maior produtividade e lucratividade, só foi possível com a divisão do trabalho e a transformação do trabalhador total em trabalhador parcial (ALVES, 1998).



* Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), com especialização em Psicomotricidade Relacional pela Escola Internacional de Psicomotricidade Relacional. Graduado em Pedagogia pela Universidade UTP e em Comunicação Social pela Faculdade de Comunicação Social (FCS) Casper Líbero.

** Doutor em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Educação pela American World University, EUA. Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Cândido Mendes (Ucam) e também em Informática na Educação pela UFRGS. Graduado em Educação Física pela UFRGS. Diretor e Coordenador pedagógico do Instituto Criar desde 2003. Consultor pedagógico em projetos de inovação, educação e formação de redes colaborativas, da Universidade Sebrae de Negócios (Usen).

Nesse percurso, o trabalhador foi sendo alienado do processo de produção como um todo e, com os avanços da mecanização industrial, também ficou alheio ao produto em si, transformando-se num acessório vivo de um organismo morto – a máquina. Expropriado, inclusive, do conhecimento produzido pelo seu próprio ofício, “o operário fabril passou a realizar operações rotineiras que não exigiam qualquer destreza especial. Com isso, a produção capitalista, enquanto domínio do trabalho simples, se realizou em sua plenitude” (ALVES, 1998, p. 39).

As idéias de Alves encontram apoio na análise realizada por Marx e Engels (1987, p. 68), na qual “[a] indústria e o comércio, a produção das necessidades de vida, condicionam, por seu lado, a distribuição, a estrutura das diferentes classes sociais, para serem, por sua vez, condicionadas por estas em seu modo de funcionamento”.

Nesta conjuntura, a educação, embora se proponha a ser igualitária e para todos, tem-se revelado um processo organizado a partir de modos diferenciados de formação, no qual a classe trabalhadora é submetida a uma educação reducio-

nista e simplificada, entendida como suficiente à sua adequação às necessidades do sistema de produção capitalista.

Desta maneira, não somente o conhecimento fica restrito às necessidades técnicas das linhas de produção, como também a complexidade do corpo do trabalhador foi adequada/reduzida às funções mecânicas e à rotina do tempo fabril (FOULCAULT, 1988; MARX, 2001).

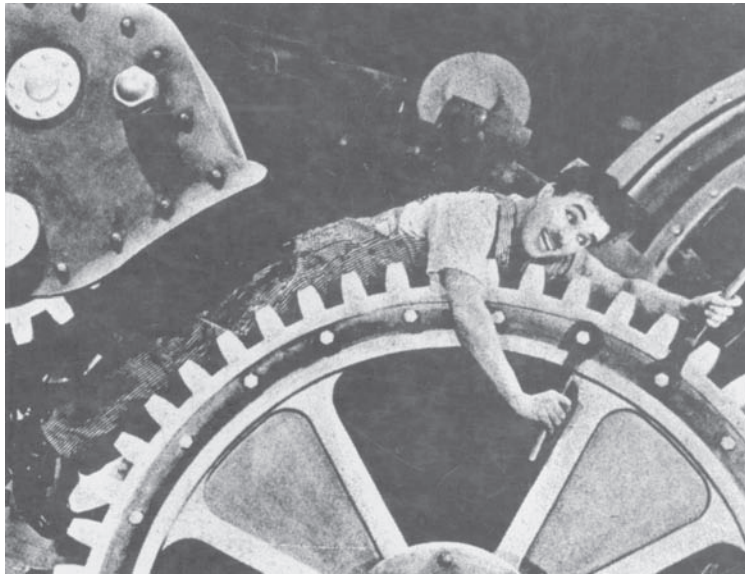
Neste contexto, as práticas corporais foram e são de inestimável valor para que a normatização da vida privada e institucional se concretize. Sobre este fato, esclarece Foucault (1988, p. 126) que “[esses] métodos que permitem o controle minucioso das operações do

corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade, são o que se denominou por “disciplinas”.

Frente a esta perspectiva de intervenção direta sobre o corpo, com o objetivo de normatizá-lo e classificá-lo de acordo com as necessidades dos modos de produção de determinada sociedade, que a Psicomotricidade, no contexto capitalista, é uma das áreas que muito têm colaborado para a sistematização de saberes e técnicas corporais, amplamente utilizados e expandidos pelas instituições educacionais, fato que explicita sua organicidade com o modo de produção de nossa sociedade.

Ao buscarmos, portanto, conceituar esta área do conhecimento e apreender os benefícios que ela pode oferecer para o encaminhamento das necessidades relativas ao processo psicopedagógico, coloca-se a necessidade de superar a visão tendencialmente positivista e biologicista pela qual ela vem sendo, historicamente, concebida. Neste sentido, o simples conhecimento a respeito das diversas linhas e práticas direcionadas à *educação, reeducação e terapia psicomotoras* parece ser insuficiente para tal superação, bem como para revolucionar o entendimento a respeito da significativa banalização e reducionismo a que está sujeita a dimensão corporal, no ambiente escolar e clínico. É preciso buscar apreender a Psicomotricidade enquanto prática social, em seu movimento na história, ou seja, concebê-la numa perspectiva de totalidade¹.

¹ “Totalidade, no trabalho em referência, nada tem a ver com as imprecisas noções de ‘todo’, de ‘contexto social’, sistematicamente presentes nas falas dos educadores. Totalidade, no caso, corresponde à forma de sociedade dominante em nosso tempo: a sociedade capitalista. Apreender a totalidade implica, necessariamente, captar as leis que a regem e o movimento que lhe é imanente” (ALVES, 1996, p. 10)



Cena do filme Tempos Modernos, extraída da capa do livro *Loucura do Trabalho*, de Christophe Dejours.

Psicomotricidade: uma categoria em discussão

Quando perguntamos aos nossos alunos o que entendem por Psicomotricidade, aparecem respostas como:

- movimento, cérebro;
- técnicas para desenvolver o conhecimento das partes do corpo;
- ligação corpo – mente;
- equilíbrio;
- técnicas voltadas ao desenvolvimento de pré-requisito para leitura e escrita;
- corpo e emoção;
- exercícios de coordenação motora;
- corpo e cognição;
- desenvolvimento infantil;
- esquema corporal;
- lateralidade etc.

Como se pode observar, uma gama bastante vasta, que vai desde concepções mais funcionais (maturação do sistema nervoso, processos neuromotores, pré-requisitos, coordenação etc), até perspectivas mais ligadas aos aspectos relacionais da motricidade humana (corpo e emoção).

Essa variedade de noções que surgem, no senso comum, em conexão ao termo Psicomotricidade, reflete o próprio processo histórico pelo qual esta área do conhecimento vem se constituindo.

Preliminarmente, segundo alguns estudos mais difundidos, que procuram explicitar a especificidade deste campo, podemos visualizar a abrangência da Psicomotricidade por meio do seguinte esquema:

Psico	Motricidade
Aspectos biomaturacionais	Movimento
Aspectos cognitivos	Ação corporal
Aspectos afetivos	

Partindo desta multiplicidade de aspectos que estabelecem uma inter-relação com a motricidade, a Sociedade Brasileira de Psicomotricidade (SBP) (fundada em 1980), em meados dos anos 1990, procurando especificar a abrangência da Psicomotricidade no país, elaborou um primeiro conceito geral desta área do conhecimento: Psicomotricidade é “uma ciência que tem por objeto o estudo do Homem, através de seu corpo em movimento, nas relações com seu mundo interno e externo” (SBP, 1995).

Sentimos a necessidade de especificar um pouco mais o conceito de Psicomotricidade elaborado pela SBP. Neste sentido, superando a visão idealista vigente, concordamos com Silva (2002) quando afirma que Psicomotricidade, numa perspectiva de totalidade, define-se como, “uma área do conhecimento que tem por objeto o corpo e o movimento humano em suas relações sociais e de produção”.

Uma vez explicitadas as concepções de Psicomotricidade que nortearão nossos estudos, podemos passar para as sistematizações explicativas das principais categorias com as quais trabalha esta área do conhecimento e, posteriormente, para uma abordagem crítica de sua historiografia.

Estimulação, educação, reeducação e terapia psicomotora

Uma vez discutida a categoria Psicomotricidade, vamos fazer uma introdução relativa às suas áreas de atuação. De modo geral, a intervenção no campo psicomotor vem sendo concebida a partir de quatro grandes áreas, a saber: *estimulação, educação, reeducação e terapia psicomotora*.

Para a definição dos campos de intervenção psicomotora, faremos, a seguir, uma transcrição de alguns trechos da obra de Bueno (1998), *Psicomotricidade: teoria e prática*, por sua fidelidade ao modo vigente de conceber as especificidades desta área do conhecimento.

Segundo esta autora (BUENO, 1998, p. 83),

Entende-se por **estimulação psicomotora** o [processo] que envolve contribuições para o desenvolvimento harmonioso da criança no começo de sua vida. Caracteriza-se por atividades que se preocupam e vão ao encontro das condições que o indivíduo apresenta, acima de tudo, na sua capacidade maturacional, procurando despertar o corpo e a atividade por meio de movimentos e jogos e buscando a harmonia constante. Estimulação quer dizer despertar, desabrochar o movimento. Dirige-se prioritariamente a recém-natos e pré-escolares. Alguns autores referem-se à estimulação psicomotora como estimulação precoce, mas consideramos o termo errôneo, sendo mais sensato utilizarmos estimulação essencial.

Educação psicomotora

Abrange todas as aprendizagens da criança, processando-se por etapas progressivas e específicas conforme o desenvolvimento geral de cada indivíduo. Realiza-se em todos os momentos da vida por meio de percepções vivenciadas, como uma intervenção direta nos aspectos cognitivo, motor e emocional, estruturando o indivíduo como um todo. A educação passa pela facilitação das condições naturais e prevenção de distúrbios corporais¹. Ela se realiza na escola, na família e no meio social, com a participação dos educadores, dos pais e dos professores em geral (professores de natação, de atividades aquáticas, judô, balé, ginástica, dança, arte-educadores, magistério etc.). Dirige-se prioritariamente às crianças em condições de freqüentar a escola e sem comprometimentos maiores. Muitos autores enfatizam essa área de atuação e acreditamos que a base educativa acaba permeando as outras (reeducação, estimulação e terapia).

¹ Referimo-nos aos distúrbios corporais orgânicos, psicomotores funcionais, de comportamentos ou sociais, em que a educação psicomotora pode e deve intervir, prevenindo-os.

Le Boulch (1981) comenta que “a educação psicomotora deve ser considerada como uma educação de base na escola elementar, ponto de partida de todas as aprendizagens pré-escolares e escolares”. Ele lutou e conquistou, na década de 1960, a inclusão da educação psicomotora nos cursos primários da França.

Picq-Vayer (1969) coloca que

[...] do ponto de vista educativo, o papel e lugar da educação psicomotora na educação geral corresponderá, naturalmente, às diferentes etapas do desenvolvimento da criança, e assim entendemos que: no curso da primeira infância, toda educação é educação psicomotora; no curso da segunda infância, a educação psicomotora permanece sendo o núcleo fundamental de uma ação educativa que começa a diferenciar-se em atividades de expressão, organização das relações lógicas e as necessárias aprendizagens de leitura-escritado; no curso da ‘grande infância’, a diferenciação entre as atividades educativas se faz mais acentuadamente, e a educação psicomotora mantém então a relação entre as diversas atividades que concorrem simultaneamente ao desenvolvimento de todos os aspectos da personalidade.

Lapierre (1989) coloca que a educação psicomotora “é uma ação psicopedagógica que utiliza os meios de educação física, com a finalidade de normalizar ou melhorar o comportamento do indivíduo”.

Picq-Vayer (1969) sugerem que se investiguem as técnicas mais eficazes para obter uma melhora progressiva no comportamento geral da criança.

E Bueno (1998, p. 84) completa dizendo que:

A consciência do corpo, o domínio do equilíbrio, o controle e mais tarde a eficácia das diversas coordenações gerais e segmentares, a organização do esquema corporal, a orientação no espaço e, finalmente, melhores possibilidades de adaptação ao mundo exterior são os principais motivos da educação psicomotriz.

Reeducação psicomotora

É a ação desenvolvida em indivíduos que sofrem com perturbações ou distúrbios psicomotores. A reeducação psicomotora tem como objetivo retomar as vivências anteriores com falhas ou as fases de educação ultrapassadas inadequadamente. Em termos gerais, reeducar significa educar o que o indivíduo não assimilou adequadamente em etapas anteriores. Deve começar em tempo hábil em razão da instalação das condutas psicomotoras, diagnosticando as dificuldades a fim de traçar o programa de reeducação.

A atribuição da reeducação está contida em várias áreas profissionais: pedagogia, educação física, fonoaudiologia, fisioterapia, terapia educacional, psicologia, arte-educadores, educadores, médicos da especialidade motora ou psíquica, entre outros. Mas, o mais importante para uma boa reeducação é a tranquilidade e o intercâmbio afetivo entre o presente do reeducador com o reeducando, condição básica para uma boa reeducação.

O artigo 7.º da proposição da lei francesa de 15 de fevereiro de 1974 cita que a reeducação deve ser “neurológica em sua técnica, psicológica e psíquica em sua meta, destinada pela intermediação do corpo a atuar sobre as funções mentais e psicológicas perturbadas tanto na criança como no adolescente ou no adulto”.

De Fontaine (1980) diz

A reeducação embasa sua eficácia no fato de que se remonta às origens, aos mecanismos de base que estão na origem da vida mental, controle gestual e do pensamento, controle das reações tônico-emocionais, equilíbrio, fixação na atenção, justa apreensão do tempo e do espaço. (*apud* BUENO, 1998, p. 85).

Terapia psicomotora

Dirigida a indivíduos com conflitos mais profundos na sua estruturação, associados aos [aspectos] funcionais ou com desorganização total de sua harmonia corporal e pessoal. Envolve [por exemplo] crianças com agressividade acentuada, pulsões motoras incontroladas, casos de excepcionalidade e dificuldades de relacionamento corporal e também destinada a indivíduos que possuem associação de transtornos da personalidade. Está baseada nas relações e na análise dessas relações por meio do jogo de movimentos corporais. (BUENO, 1998, p. 85).

Como pode-se notar pelas contribuições de Bueno e dos autores a quem ela recorre, as especificidades de atuação no campo psicomotor mais amplamente adotadas priorizam as questões biológicas, cognitivas e de comportamento, embora, por vezes, com um acento mais humanista, porém, não deixando claro o papel da Psicomotricidade enquanto sistematização de uma sociedade que tem necessidades específicas – a de organizar e gerir os modos de produção capitalista.